UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Av. Fernando Ferrari, 514 Vitória – ES – CEP: 29.075-910
Campus de Goiabeiras
E-mail: ppghis.ufes@hotmail.com
http://www.historia.ufes.br

PROCESSO DE SELEÇÃO 2024/1

CURSO DE MESTRADO EM HISTÓRIA - PPGHIS/UFES

PROVA ESCRITA DE CONTEÚDO (07 de novembro de 2023)

Dentre as questões abaixo, escolha e desenvolva duas (2) de sua preferência:

1. Explique o conceito de *habitus* em Bourdieu e como na concepção deste autor este conceito se diferencia quando utilizado por estruturalistas?

2. O historiador Christian Delacroix (2018) apresenta os debates em torno das principais características da História do Tempo Presente (HTP). Na questão proposta o(a) candidato(a) deve articular um texto sobre as características da chamada HTP, em especial, deverá enfatizar os seguintes aspectos: a definição de recorte cronológico, as fontes, a demanda social e o confronto entre história e memória.

3. Em relação à interpretação da Revolução Francesa como uma *revolução burguesa*, quais divergências podem ser identificadas entre as perspectivas dos historiadores François Furet e Eric Hobsbawm?

4. Em *Entre a Filosofia e a Magia*, Belchior Monteiro Lima Neto propõe uma interpretação política e cultural da estigmatização de Apuleio de Madaura com recurso à um repertório de estigmas presentes na tradição romana do século II EC, sendo difundidos e compartilhados pelos habitantes da Tripolitânia. Considerando o arcabouço teórico selecionado pelo autor, disserte sobre o processo de estigmatização e os procedimentos adotados pelos opositores do filósofo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Av. Fernando Ferrari, 514 Vitória – ES – CEP: 29.075-910
Campus de Goiabeiras
E-mail: ppghis.ufes@hotmail.com
http://www.historia.ufes.br

PROCESSO DE SELEÇÃO 2024/1

CURSO DE MESTRADO EM HISTÓRIA - PPGHIS/UFES

PROVA ESCRITA DE CONTEÚDO (07 de novembro de 2023)

CHAVE DE CORREÇÃO

1. **Explique o conceito de *habitus* em Bourdieu e como na concepção deste autor este conceito se diferencia quando utilizado por estruturalistas?**

Sobre o conceito de *habitus* e a relação estabelecida com os estruturalistas, o(a) candidato(a) deverá destacar que:

Para Bourdieu *habitus* desempenha um papel crucial na formação dos pensamentos, comportamentos e escolhas de um indivíduo dentro de uma determinada tessitura social, é não apenas uma estrutura, mas também um poder estruturante com capacidade criadora, ativa e inventiva e é responsável por sustentar aspectos políticos, sociais e de dominação em geral. Alguns elementos-chave para a compreensão deste conceito são as práticas de:

Socialização e Aprendizagem: socialização das experiências de um indivíduo em um contexto social, cultural e acadêmico específico.

Reprodução Social: pessoas de diferentes origens sociais desenvolvem habitus diferentes, o que por sua vez influencia os seus gostos, preferências e escolhas de vida perpetuando e reforçando as hierarquias sociais.

Capital Cultural: abrange o conhecimento, as habilidades e as competências culturais que os indivíduos adquirem por meio de sua socialização, este capital pode proporcionar vantagens ou desvantagens em vários domínios sociais e culturais.

Violência Simbólica: através da qual os indivíduos podem inconscientemente aceitar e perpetuar a sua própria subordinação social devido às disposições internalizadas do seu *habitus*, isto ajuda a manter a ordem social e as estruturas de poder.

Habitus em Lévi-Strauss é de natureza mais abstrata e linguística. Trata das estruturas profundas da mente e da linguagem humana e do seu papel na construção de significado, particularmente no contexto de mitos e rituais. Está menos preocupado com as dimensões sociais, culturais e políticas de habitus, conforme desenvolvido por Bourdieu.

2. **O historiador Christian Delacroix (2018) apresenta os debates em torno das principais características da História do Tempo Presente (HTP). Na questão proposta o(a) candidato(a) deve articular um texto sobre as características da chamada HTP, em especial, deverá enfatizar os seguintes aspectos: a definição de recorte cronológico, as fontes, a demanda social e o confronto entre história e memória.**

Uma história sob a exigência das reivindicações memoriais A denominação "história do tempo presente" começou de fato a se tornar comum para os historiadores franceses a partir da criação, em 1978, do Instituto de História do Tempo Presente (IHTP), cujo primeiro diretor foi François Bédarida (até 1990), segundo o modelo do Institut für Zeitgeschichte de Munique – criado em 1950. O IHTP sucede ao Comitê Francês de História da Segunda Guerra Mundial, criado em 1951. Esta filiação institucional é sem dúvida nenhuma um dos elementos explicativos do lugar eminente ocupado pela Segunda Guerra Mundial nos temas e campos de pesquisa privilegiados pelo IHTP na França. A criação de organismos dedicados ao estudo do passado recente da Segunda Guerra Mundial não diz respeito apenas à França e à Alemanha, pois centros de pesquisa do mesmo gênero são criados desde 1944 nos Países Baixos, depois na Itália (1949), na Áustria (1963), Bélgica (1970) e mais tardiamente (em 1986) na Grã-Bretanha. (43-44). A HTP teve na sequência desenvolvimentos importantes em outros países, como na Espanha a partir dos anos 1990 ou na América Latina.

Mundialização das questões de memória. Passados traumáticos; as experiências de dezenas de Comissões da Verdade, a partir da década de 1970.

Esta lembrança não significa que a prática de uma história do passado recente date do fim dos anos 1970, uma vez que os historiadores que a produziram antes dessa data – e mesmo desde as origens da história, com os historiadores gregos – são muito numerosos. De todo modo, durante

os anos 1945-1970, a suspeita em relação à história do passado recente é evidente em numerosos historiadores europeus.

Contexto do surgimento: A afirmação e a tematização como área, assim como a institucionalização da HTP na Europa, devem, portanto, ser relacionadas aos contextos nacionais posteriores a 1945, os quais têm um ponto comum: o choque do evento-ruptura, da "catástrofe" da Segunda Guerra Mundial e o peso de "um passado que não quer passar", como o passado nazista para a Alemanha e o passado de Vichy para a França, pois eles constituíram grandes traumatismos nas identidades e nas consciências históricas nacionais. (45).

PRESSÃO PARA O JULGAMENTO MORAL DO PASSADO RECENTE: Da luta pelo reconhecimento à institucionalização: O desenvolvimento da HTP na França inicialmente tomou a forma, durante os anos 1980 até o início dos anos 1990, de uma verdadeira luta pela legitimação e pelo reconhecimento científicos a fim de responder às objeções levantadas contra a possibilidade mesma de uma história "normal" do passado recente, à medida que se multiplicavam os campos de pesquisa e os trabalhos empíricos, principalmente acerca da Segunda Guerra Mundial no caso da França. (47).

OS CONTRA-ARGUMENTOS DOS CRITICOS DA HTP: a ausência de recuo cronológico considerado como uma deficiência é de certo modo neutralizada pelo recuo metodológico, única distância eficiente para o trabalho do historiador, qualquer que seja o período estudado; - a não-acessibilidade de alguns arquivos do passado recente é compensada pela abundância das fontes substitutivas – das quais fazem parte os "arquivos orais" provocados pelo pesquisador;

"a ignorância do dia seguinte" e o trabalho sobre processos não "terminados" se tornam trunfos, pois eles permitem se desfazer da "ilusão retrospectiva da fatalidade" ao favorecerem uma maior atenção ao "campo dos possíveis" das situações históricas. Esses contra-argumentos de distinção então promovidos pela HTP são os do evento, da testemunha, da memória e da demanda social. A questão da memória, que "invadiu" o espaço público a partir dos anos 1970/1980, na sua tríplice afirmação como representação do passado no presente, como prática e cultura social e

como valor com vocação universal, me parece ser uma das características mais importantes do nosso presente. (48).

RECORTE TEMPORAL: definição Europa no fim da 2ª Guerra. Acerca da singularização do tempo presente por seu "objeto", alguns historiadores propuseram um procedimento clássico de periodização por datas-rupturas, sendo o "tempo presente" definido como um novo período ou subperíodo da história contemporânea. A mais corrente dessas rupturas é, na Europa, a Segunda Guerra Mundial. (49).

FONTE: testemunho e História Oral. A singularização pelo lugar das testemunhas. Fonte oral; arquivo oral: Desafio: o tratamento puramente "documental" e "técnico" da questão do testemunho reduzida ao estatuto informativo de "fonte oral" era igualmente uma maneira de dar conta da exigência epistemológica do projeto de verdade da história, as fontes orais reputadas subjetivas se viam criticadas como as outras fontes. (53)

A INSTITICIONALIZAÇÃO DA HISTÓRIA ORAL: década de 1980-1990.

Arquivos digitais, comissões da verdade, monumentos, museus, pulsão memorial, etc.

DILEMA HISTÓRIA E MEMÓRIA: no contexto da prática da HTP, a questão da testemunha viva "encontra" inevitavelmente a questão da memória: a noção de presente implica de fato a noção de memória concebida na esteira de Agostinho como o presente do passado. (53)

III) A História do Tempo Presente no "grande debate" história/memória. A "maré memorial" A temática da memória se impôs no espaço público europeu a partir dos anos 1970, ligada sobretudo (mas não somente) ao reexame dos "passados temáticos" como o da Ocupação (1939-1945) na França; é o que Pierre Nora chamou de "a maré memorial".

HISTÓRIA DAS VITÍMAS. Dever de memória. Mas o risco é grande de criminalizar a história ao projetar sobre o passado as categorias (jurídicas sobretudo) que são as nossas e assim ceder a uma reflexão de "moralização retrospectiva" do passado, que é uma forma de anacronismo. O termo "judicialização" da história quer dizer dar conta desse tipo de procedimento que enfeixa juntas memória, justiça e história (55).

A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE SOB O RISCO DAS DEMANDAS SOCIAIS. A questão dos usos públicos da história diz respeito a uma outra linha de argumentação importante para singularizar a HTP, que passa pela questão da relação com a demanda social (46).

A relação ambígua da história do tempo presente com a demanda social. De todo modo, o tema da demanda social permanece, desde o início, no centro do empreendimento de legitimação da história do tempo presente, que o erige em "marcador identitário".

LIBERDADE DO HISTORIADOR X Demanda social. Nos textos de Bédarida, pode designar tanto a consciência histórica (no sentido em que o historiador molda a consciência histórica de seu tempo), a clássica demanda de Estado (tipo de comemoração), as solicitações das mídias ou as demandas privadas, quer elas emanem de indivíduos, quer de empresas ou ainda de grupos e de comunidades. (65).

O desafio epistemológico mais difícil (e que lhes é específico) para os historiadores que reivindicam a HTP (pelo menos para aqueles que lidam com questões epistemológicas) continua sendo, portanto, justificar a sua reivindicação da necessidade de responder a demanda social e a tese segundo a qual "o procedimento do historiador está na dependência direta da demanda social"57 ao mesmo tempo em que não transige com a pretensão de objetividade que é um valor chave da "cultura do ofício" dominante entre os historiadores. Um argumento importante de legitimação da HTP é, com efeito, que ela responderia a uma "nova demanda social" de história na virada dos anos 1970 e mais amplamente que ela é o "produto" de um novo contexto. A afirmação da história do tempo presente está assim ligada a um contexto externo (intelectual, social, econômico, político) e participaria do que François Bédarida chama de "virada epistemológica" da disciplina nos anos 1970, que vê "a reintegração do presente no território do historiador" no momento em que a história se redefiniria "em relação à sociedade". (66). à noção de "regime de historicidade" proposta por François Hartog; o surgimento da história do tempo presente "e o lugar dominante ocupado na disciplina são concomitantes de uma nova relação com o tempo, de um novo "regime de historicidade", no qual a experiência do passado e a crença em um futuro melhor se apagam em proveito de uma celebração do presente efêmero", escreve ele. Em nosso caso, a história do tempo presente se torna não somente uma consequência do surgimento de uma nova cultura social do tempo, ou seja, do novo regime de historicidade presentista, mas ela é também a modalidade da consciência histórica adaptada a essa nova

historicidade. François Hartog observa igualmente que "a insistência dos primeiros Annales na indispensável preocupação com o presente" toma o seu sentido em relação a esse novo tipo de relação com o tempo.

A História do Tempo Presente é "filha do seu tempo". A HTP estaria então em um lugar privilegiado para colocar essas reflexões à prova de suas pesquisas empíricas, uma posição certamente singular, mas de modo nenhum fora do ordinário do fazer da história.

3. Em relação à interpretação da Revolução Francesa como uma *revolução burguesa*, quais divergências podem ser identificadas entre as perspectivas dos historiadores François Furet e Eric Hobsbawm?

Sobre as divergências entre as perspectivas de François Furet e Eric Hobsbawm, o(a) candidato(a) deverá destacar que:

I. François Furet questiona a ideia, atribuída por ele aos historiadores marxistas, de que a Revolução Francesa poderia ser interpretada como uma revolução burguesa. Portanto, ele critica a concepção de que:

a) os eventos que ocorreram na França entre 1789 e 1799 desencadearam o surgimento das forças produtivas, desencadeando o doloroso nascimento do capitalismo;

b) que esses eventos, no nível social, representassem a vitória da burguesia sobre as antigas classes "privilegiadas" do Antigo Regime;

c) E que, em termos políticos e ideológicos, marcassem o advento de um poder burguês e o triunfo das ideias iluministas sobre os valores e crenças da época anterior.

II. Eric Hobsbawm, por sua vez, questiona essa crítica ao afirmar que esse "modelo simplista" de conceber a Revolução não é capaz de dar conta do trabalho dos grandes especialistas na Revolução que, em parte, aderem a essa concepção mencionada. Ele afirma que este modelo não era exclusivamente marxista, ao mesmo tempo que esse modelo é insustentável, pois não havia burguesia em 1879. Mas, ao mesmo tempo, a Revolução teve um caráter social, pois nela operavam "grupos identificados como não nobres que lutavam contra grupos identificados como nobres".

4. **Em *Entre a Filosofia e a Magia*, Belchior Monteiro Lima Neto propõe uma interpretação política e cultural da estigmatização de Apuleio de Madaura com recurso à um repertório de estigmas presentes na tradição romana do século II EC sendo difundidos e compartilhados pelos habitantes da Tripolitânia. Considerando o arcabouço teórico selecionado pelo autor, disserte sobre o processo de estigmatização e os procedimentos adotados pelos opositores do filósofo.**

Sobre os procedimentos adotados pelos opositores contra Apuleio de Madaura, o(a) candidato(a) deverá ser capaz de destacar:

I. O arcabouço teórico elencado pelo autor para produzir a interpretação do estudo de caso da estigmatização de Apuleio de Madaura recorrendo aos conceitos de estigmatização, de Erving Goffman, honra e desonra em correspondência ao de carisma segundo Norbert Elias e John Scotson associados ainda com honra e desonra, vergonha e outsider (John Peristiany) e seus correlatos como, por exemplo, boato, calúnia, opinião pública, representação, identidade;
II. Que, na luta pelo monopólio do poder entre os membros da aristocracia local de Oea, Apuleio é considerado um "*extrarius*, mago, falso filósofo e assassino";
III. Que, por meio de boatos e difamação, a representação negativa sobre Apuleio reforçava a condição deste de *outsider* da sociedade de Oea;
IV. Que os opositores se inserem estão inseridos no interior de conflitos familiares, entre os *Aemilii* e dos *Sicinii*, de modo a revelar a alteridade cultural de Apuleio numa cidade provincial do Império Romano e, assim sendo, situar o estatuto de *extrarius* do filósofo como parte destes mencionados "conflitos familiares" e que compartilhavam junto à *civitas* de Oea de uma *communis opinio*.